



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI
AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 31 de Janeiro 2007

Barnabé, Silvano, Apolo

Queridos irmãos e irmãs!

Prosseguindo a nossa viagem entre os protagonistas das origens cristãs, dedicamos hoje a nossa atenção a alguns dos outros colaboradores de São Paulo. Devemos reconhecer que o Apóstolo é um exemplo eloquente de homem aberto à colaboração: na Igreja ele não quer fazer tudo sozinho, mas serve-se de numerosos e diversos colegas. Não nos podemos deter sobre todos estes preciosos colaboradores, porque são muitos. É suficiente recordar, entre outros, Epafras (cf. *Cl* 1, 7; 4, 12; *Fm* 23), Epafrodito (cf. *Fl* 2, 25; 4, 18), Tíquio (cf. *Act* 20, 4; *Ef* 6, 21; *Cl* 4, 7; 2 *Tm* 4, 12; *Tt* 3, 12), Urbano (cf. *Rm* 16, 9), Gaio e Aristarco (cf. *Act* 19, 29; 20, 4; 27, 2 *Cl* 4, 10). E mulheres como Febe (cf. *Rm* 16, 1), Trifena e Trifosa (cf. *Rm* 16, 12), Pérside, a mãe de Rufo da qual São Paulo diz: "Também é minha mãe" (cf. *Rm* 16, 12-13) sem esquecer casais como Prisca e Aquila (cf. *Rm* 16, 3; 1 *Cor* 16, 19; 2 *Tm* 4, 19). Hoje, entre esta grande multidão de colaboradores e colaboradoras de São Paulo dirigimos o nosso interesse a estas três pessoas, que desempenharam um papel particularmente significativo na evangelização das origens: Barnabé, Silvano e Apolo.

Barnabé significa "filho da exortação" (*Act* 4, 36) ou "filho da consolação" e é sobrenome de um judeu-levita originário de Chipre. Tendo-se estabelecido em Jerusalém, ele foi um dos primeiros a abraçar o cristianismo, depois da ressurreição do Senhor. Com grande generosidade vendeu um campo de sua propriedade entregando a quantia aos Apóstolos para as necessidades da Igreja (cf. *Act* 4, 37). Foi ele quem se fez garante da conversão de Saulo junto da comunidade cristã de Jerusalém, a qual ainda desconfiava do antigo perseguidor (cf. *Act* 9, 27). Tendo sido enviado a Antioquia da Síria, foi buscar Paulo a Tarso, onde se tinha retirado, e transcorreu com ele um ano

inteiro, dedicando-se à evangelização daquela importante cidade, em cuja Igreja Barnabé era conhecido como profeta e doutor (cf. *Act 13, 1*). Assim Barnabé, no momento das primeiras conversões dos pagãos, compreendeu que tinha chegado a hora de Saulo, o qual se retirara para Tarso, sua cidade. Foi ali procurá-lo. Assim, naquele momento importante, quase restituiu Paulo à Igreja; deu-lhe, neste sentido, novamente o Apóstolo das Nações. Da Igreja antioquena Barnabé foi enviado em missão juntamente com Paulo, realizando o que classifica como primeira viagem missionária do Apóstolo. Na realidade, tratou-se de uma viagem missionária de Barnabé, sendo ele o verdadeiro responsável, ao qual Paulo se juntou como colaborador, chegando às regiões de Chipre e da Anatólia centro-meridional, na actual Turquia, com as cidades de Attalia, Perge, Antioquia de Psídia, Listra e Derbe (cf. *Act 13-14*). Juntamente com Paulo foi depois ao chamado Concílio de Jerusalém onde, depois de um aprofundado exame da questão, os Apóstolos com os Anciãos decidiram separar a prática da circuncisão da identidade cristã (cf. *Act 15, 1-35*). Só assim, no final, tornaram oficialmente possível a Igreja dos pagãos, uma Igreja sem circuncisão: somos filhos de Abraão simplesmente pela fé em Cristo.

Os dois, Paulo e Barnabé, entraram depois em contraste, no início da segunda viagem missionária, porque Barnabé tinha em mente assumir como companheiro João Marcos, mas Paulo não queria, tendo-se separado o jovem deles durante a viagem anterior (cf. *Act 13, 13; 15, 36-40*). Portanto, também entre santos existem contrastes, discórdias, controvérsias. E isto parece-me muito confortador, porque vemos que os santos não "caíram do céu". São homens como nós, com problemas também complicados. A santidade não consiste em nunca ter errado ou pecado. A santidade cresce na capacidade de conversão, de arrependimento, de disponibilidade para recomeçar, e sobretudo na capacidade de reconciliação e de perdão. E assim Paulo, que tinha sido bastante rude e amargo em relação a Marcos, no final encontra-se com ele. Nas últimas Cartas de São Paulo, a Filemon e na segunda a Timóteo, precisamente Marcos aparece como "o meu colaborador". Portanto, não é o facto de nunca ter errado que nos torna santos, mas a capacidade de reconciliação e de perdão. E todos podemos aprender este caminho de santidade. Em todo o caso Barnabé, com João Marcos, partiu para Chipre (cf. *Act 15, 39*) por volta do ano 49. Daquele momento em diante perdem-se os seus vestígios. Tertuliano atribui-lhe a *Carta aos Hebreus*, ao que não falta a plausibilidade porque, pertencendo à tribo de Levi, Barnabé podia ter interesse pelo tema do sacerdócio. E a *Carta aos Hebreus* interpreta-nos de modo extraordinário o sacerdócio de Jesus.

Outro companheiro de Paulo foi *Silas*, forma grecizada de um nome hebraico (talvez *sheal*, "pedir, invocar", que é a mesma raiz do nome "Saulo"), do qual resulta também a forma latinizada *Silvano*. O nome Silas é confirmado só no *Livro dos Actos*, enquanto que o nome Silvano se encontra apenas nas *Cartas paulinas*. Ele era um judeu de Jerusalém, um dos primeiros que se fez cristão, e naquela Igreja gozava de grande estima (cf. *Act 15, 22*), sendo considerado profeta (cf. *Act 15, 32*). Foi encarregado de levar "aos irmãos de Antioquia, Síria e Cilícia" (*Act 15, 23*) as decisões tomadas no Concílio de Jerusalém e de as explicar. Evidentemente ele era considerado capaz de realizar uma espécie de mediação entre Jerusalém e Antioquia, entre judeus-cristãos e

cristãos de origem pagã, e desta forma servir a unidade da Igreja na diversidade de ritos e de origens. Quando Paulo se separou de Barnabé, assumiu precisamente Silas como novo companheiro de viagem (cf. *Act* 15, 40). Com Paulo ele alcançou a Macedónia (com as cidades de Filipos, Tessalónica e Berea), onde permaneceu, enquanto Paulo prosseguiu para Atenas e depois para Corinto. Silas alcançou-o em Corinto, onde cooperou na pregação do Evangelho: de facto, na segunda *Carta* dirigida por Paulo àquela Igreja, fala-se de "Jesus Cristo, aquele que foi por nós anunciado entre vós, por mim, por Silvano e por Timóteo" (*2 Cor* 1, 19). Explica-se assim por que é que ele resulta como co-destinatário, juntamente com Paulo e Timóteo, das duas *Cartas aos Tessalonicenses*. Também isto me parece importante. Paulo não age "sozinho", como indivíduo, mas juntamente com estes colaboradores no "nós" da Igreja. Este "eu" de Paulo não é um "eu" isolado, mas um "eu" no "nós" da Igreja, no "nós" da fé apostólica. E Silvano no final é mencionado também na *Primeira Carta de Pedro*, na qual se lê: "por Silvano, a quem considero um irmão fiel, escrevo-vos" (5, 12). Assim vemos também a comunhão dos Apóstolos. Silvano serve Paulo, serve Pedro, porque a Igreja é uma e o anúncio missionário é único.

O terceiro companheiro de Paulo, que desejamos recordar, é chamado *Apolo*, provável abreviação de Apolónio ou Apolodoro. Mesmo tratando-se de um nome de tipo pagão, ele era um fervoroso judeu de Alexandria do Egipto. Lucas no *Livro dos Actos* define-o "homem eloquente e muito versado nas Escrituras... cheio de fervor" (18, 24-25). A entrada de Apolo no cenário da primeira evangelização acontece na cidade de Éfeso: tinha ido ali para pregar e ali teve a ventura de encontrar o casal cristãos Priscila e Áquila (cf. *Act* 18, 26), que o introduziram a um conhecimento mais completo do "caminho de Deus" (cf. *Act* 18, 26). De Éfeso passou para a Acaia alcançando a cidade de Corinto: ali chegou com o apoio de uma carta dos cristãos de Éfeso, que recomendavam aos Coríntios que o acolhessem bem (cf. *Act* 18, 27). Em Corinto, como escreve Lucas, "pela graça de Deus, prestou grande auxílio aos fiéis; pois refutava energicamente os judeus, demonstrando pelas Escrituras que Jesus é o Cristo" (*Act* 18, 27-28), o Messias. O seu sucesso naquela cidade teve um aspecto problemático, porque haviam alguns membros daquela Igreja que em seu nome, arrebatados pelo seu modo de falar, se opunham aos outros (cf. *1 Cor* 1, 12; 3, 4-6; 4, 6). Paulo na *Primeira Carta aos Coríntios* expressa apreço pela obra de Apolo, mas reprova os Coríntios por dilacerarem o Corpo de Cristo dividindo-se assim em fracções contrapostas. Ele tira um importante ensinamento de toda a vicissitude: quer eu quer Apolo diz ele mais não somos do que *diakonoi*, isto é, simples ministros, através dos quais alcançastes a fé (cf. *1 Cor* 3, 5). Cada um tem uma tarefa diferenciada no campo do Senhor: "Eu plantei, Apolo regou, mas foi Deus quem deu o crescimento... Pois, nós somos cooperadores de Deus, e vós sois a seara de Deus, o edifício de Deus" (*1 Cor* 3, 6-9). Tendo regressado a Éfeso, Apolo resistiu ao convite de Paulo para voltar imediatamente a Corinto, adiando a viagem para uma data posterior por nós desconhecida (cf. *1 Cor* 16, 12). Não temos outras notícias suas, mesmo se alguns estudiosos pensam nele como possível autor da *Carta aos Hebreus*, da qual, segundo Tertuliano, seria autor Barnabé.

Estes três homens brilham no firmamento das testemunhas do Evangelho por um aspecto comum

além das características próprias de cada um. Em comum, além da origem judaica, têm a dedicação a Jesus Cristo e ao Evangelho, juntamente com o facto de os três terem sido colaboradores do apóstolo Paulo. Nesta original missão evangelizadora eles encontraram o sentido da sua vida, e como tais estão diante de nós como modelos luminosos de abnegação e de generosidade. E, no final, voltemos mais uma vez a esta frase de São Paulo: tanto eu como Apolo somos ministros de Jesus, cada um a seu modo, porque é Deus que faz crescer. Esta palavra também é válida hoje para todos, quer para o Papa, quer para os Cardeais, os Bispos, os sacerdotes, os leigos. Todos somos humildes ministros de Jesus. Servimos o Evangelho na medida do possível, segundo os nossos dons, e rezamos a Deus para que faça crescer hoje o seu Evangelho, a sua Igreja.

Saudação

Em particular saúdo os fiéis das Dioceses da Ligúria (Itália), que acompanham hoje os seus Bispos na *Visita ad limina Apostolorum*. Queridos amigos, convido-vos a tomar cada vez mais consciência do vosso papel na Igreja. A chama da fé, que recebestes no baptismo, deve ser mantida acesa com a oração e a prática dos Sacramentos; ela deve resplandecer nas vossas palavras e no vosso exemplo, a fim de permitir que todos tirem dela a luz e o calor espiritual. Isto exige que respondais aos desafios hodiernos com uma profunda espiritualidade e uma renovada audácia apostólica, repropondo aos homens e às mulheres da nossa época a mensagem salvífica de Cristo na sua totalidade.

© Copyright 2007 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana